



## ARMA BLINDADA OU CAVALARIA

CORONEL D'ALANÇON

Tradução do Major Cav (QEME)  
CEZAR MARQUES DA ROCHA

Os progressos alcançados nos últimos 25 anos no domínio da técnica, particularmente no que se refere ao armamento e aos meios de transporte, modificaram profundamente os materiais utilizados para combater e manobrar, pelas seis armas que constituem as forças terrestres: Inf, Cav, Art, Eng, Transporte e Comunicações. Entre estas, só a Cav viu mudar seu nome no decorrer da campanha de 1939-45: Tornou-se oficialmente Arma Bld e Cav, mas, é, na maioria das vezes, designada por uma sigla que se refere à classe infantil, ou método de desenho bem conhecido, o ABC.

Desde algum tempo, êste título foi praticamente substituído pelo de Cav Bld, empregada na 1ª parte do Regulamento Provisório das tropas Bld de 1951.

Uma nova tendência apareceu, e muitos gostariam de dar à Cav moderna o nome de arma Bld.

Pode ser interessante pesquisar se os motivos destas mudanças de et'quêta são justificados, e se a orientação que esta última denominação parece querer propor, corresponde à evolução que deve ser a da arma no futuro.

A palavra Cav vem de cavalo e é bem certo; o cavalo é a origem da cavalaria. Mas o cavalo não era senão um meio que permitia ao cavaleiro, cumprir missões particulares que não poderiam ser cumpridas pelo Infante.

Quando o homem conseguiu domar o cavalo e montar em seu dorso, obteve a faculdade de se deslocar mais rápido que a pé.

Todo exército, da falange grega à Div ou ao Grupo de Ex moderno, tem necessidade de ser informado e coberto. Se se considera que o Exército tem uma velocidade de deslocamento "V", é neces-

sário que as Unidades encarregadas de informá-lo e de cobri-lo, tenham velocidade de deslocamento maior que "V".

Se estes não existem, o Exército deverá se deslocar a uma velocidade reduzida  $\frac{v}{2}$ , para permitir aos elementos que possuem a mesma velocidade "v", cumprirem as missões de informar e cobrir.

No dia em que o homem pôde utilizar o cavalo, descobriu o meio que lhe dava a Vel V em relação à Inf, que se deslocava à vel "v". Nascia a cavalaria: era a arma das missões de Rec e Cobertura.

Mas o homem constatou que, lançando sobre um cavalo à vel V, possuía em relação a um adversário a pé, parado ou à pequena velocidade "v", uma potência consideravelmente aumentada:  $P = \frac{1}{2} m v^2$ .

Ora, esta potência utilizada no momento adequado, podia ter efeito decisivo sobre o campo de batalha: era o combate de choque.

A missão de combate pelo choque tornou-se assim a 3ª das que a Cavalaria estava em condições de cumprir. Certamente a Inf combatia também pelo choque, mas a Cav a sobrepujava neste domínio, quando, pela velocidade e pela surpresa, decuplicava o efeito do choque.

Quer seja pelo reconhecimento, cobertura, ou combate de choque, as missões da Cav terminavam normalmente no combate à vista direta, pelo corpo a corpo com o adversário para obter sua destruição. É uma honra que unicamente divide com a Inf. É aqui então que importa diferenciar a Cav.

Ora, as três missões da arma, Rec, Cobrir, Combater, têm, desde a sua origem um ponto comum que é a velocidade. O que caracteriza a Cav em relação à Inf é que ela é a arma rápida.

A história da arma mostra facilmente que seus períodos de apogeu, são aqueles onde pôde empregar ao máximo sua mobilidade, como prova a Cav de Napoleão. Para conseguí-lo êle tinha especializado suas Unidades. Às Unidades de Cav ligeira, as missões de informação e de segurança; às Unidades de Cav pesada, as missões de Combate pelo choque; às Unidades de Cav de linha enfim, as de apoio e cobertura em relação à ligeira e à pesada.

Pelo contrário, quando o cavalo, tornado finalidade em si próprio, não é considerado como um fator de mobilidade, a cavalaria conhece o declínio. A Idade Média é um exemplo com seus cavaleiros, tão admiráveis que, tendo-se reservado o apanágio do cavalo, não fizeram senão sobrecarregar-se ao ponto de não poder finalmente se deslocar senão a passo, impedindo assim toda a ação baseada na rapidez.

A guerra de 1914-18 assistiu a outro declínio da arma. Sem dúvida, a estabilidade da frente contínua diminuiu consideravelmente,

durante longos anos, as necessidades de informações e de segurança; mas esta estabilidade era consequência de ter a cavalaria perdido grande parte de sua mobilidade. Devido ao desenvolvimento das armas automáticas, não podia mais efetuar o combate pelo choque. Por outro lado, a descoberta recente do motor a explosão que não utilizava ainda, dava à Inf mobilidade estratégica superior à sua.

O motor unido à blindagem ressuscita o carro antigo, sob a forma chamada então de Art de ssalto, depois carro de assalto, mas somente em proveito da manobra lenta da Inf.

Se a Cavalaria tivesse permanecido, após 1919, atada unicamente ao cavalo, teria merecido seu declínio definitivo.

Mas compreendeu que o motor com ou sem blindagem, poderia lhe restituir sua mobilidade. Ao lado das Unidades a cavalo, que conservam uma facilidade de deslocamento inigualável, se multiplicaram as Unidades motorizadas de todos os modelos, umas mais ligeiras para as missões de informações, outras mais pesadas à base de carros, mais adequadas às missões de combate; outras enfim, mistas, participavam em grau menor — das possibilidades das duas primeiras categorias.

No momento da campanha de 1940, a Cavalaria, em plena evolução, e esforçava, com meios variados, em cumprir da melhor maneira suas missões. As mais modernas de suas Unidades, as Div Lv Mec, eram bem concebidas para a forma de guerra que Hitler soube nos impor; outras o eram menos e tinham assim mais dificuldades em seguir o ritmo da Blitzkrieg. Mas, no conjunto, não se poderia dizer que a Cavalaria retardou-se em relação à Inf ou à Art. O Cavalo era ainda para as últimas, o principal meio de tração de suas armas pesadas, Mtr e canhões. Mesmo o que estava ligado a rede de estradas, muitas vezes ainda era hipomóvel. Canhão de 155 mm longo, ou coluna de suprimento de munições por exemplo.

Quanto às novas Div Couraçadas equipadas pela Inf, se não correspondiam às idéias proféticas do Cel de Gaulle em seu livro "Vers l'armée de métier", sobre o emprêgo de uma força couraçada muito móvel, ainda menos tinham sido concebidas para cumprir as missões tradicionais da Cav; deviam simplesmente realizar a ruptura em proveito imediato da manobra de Inf.

As qualidades técnicas de seus CC e o alto valor de seu pessoal eram indiscutíveis. Mas as Div Couraçadas, contrariamente às Div Mec Lv, suas irmãs da Cavalaria, tinham pouca flexibilidade, e seu raio de ação era fraco; faltavam meios de Seg e de Rec, enfim os veículos de seus combatentes transportados não eram do mesmo valor de seus carros. Todos esses defeitos se combinavam para reduzir-lhes a mobilidade que não se pudera lhes dar como característica essencial.

Após o teste de 1940, era normal que os vencidos e seus amigos neutros se esforçassem em extrair lições de campanha perdida, e tentassem reformar, na organização de suas forças armadas, o que a experiência havia mostrado estar mal adaptado.

É possível sustentar que, na França, a Cav tinha necessidade, mais que qualquer outra arma, de "Colocar nova roupagem"? Pode-se ao contrário, pensar que era entre tôdas, a arma menos mal adaptada à Guerra que continuava.

É permissível ajuntar que as Unidades de Cav, qualquer que fôsse seu tipo, estiveram à frente daquelas que, nos dias sombrios, salvaram a honra.

Porque motivo então, sua organização foi desmontada ao ponto de trocar de nome quando da reconstrução do Exército da África em 1943?...

Será porque ela não utilizava mais o cavalo como meio de transporte?... Mas a Inf e a Art empregavam em 1940, muito mais cavalos que a Cav; ora, o desaparecimento dêste animal não modificou a denominação destas armas. Desde 1919, a palavra Cavalaria não estava mais ligada às Unidades a cavalo, e falava-se, sem nenhuma dificuldade, das "auto-Mtr da Cavalaria".

Será porque as missões da arma tinham diminuído de interesse ou mudado de natureza?... É evidente, pelo contrário, que a guerra de movimento não faz senão aumentar sua importância; quanto à sua natureza, será fácil demonstrar que foi bem pouco modificada.

Certo, é o vencedor que impõe sua lei ao vencido. Hitler, como todos os ditadores, utilizava os slogans, as palavras-Fôrça. É em torno do termo Panzer que galvaniza seu exército de terra.

Após o sucesso da campanha da França, Panzer tornou-se o título mágico que foi dado não somente às Div e C Ex, mas ainda aos Ex e G Ex, mesmo quando o número de engenhos Bld que dispunham diminuída ao ponto de tender para zero.

Os franceses, imitando os outros países aliados, creram necessário em 1943, quando da reconstrução do Exército na África, adotar o termo "arma Bld" para designar o conjunto dos Gpt Cav reconstituídos com material novo; mas não querendo num traço de pena riscar um passado que havia sido tão glorioso, deram-lhe finalmente o nome bizarro de "Arma Bld e Cav".

A nova organização das Unidades era calcada no tipo americano, e se diferenciava fundamentalmente daquela das antigas Unidades de Cavalaria. Estas eram concebidas para poder normalmente cumprir as diferentes missões tradicionais da arma, sem o apoio habitual das Unidades de Inf. Compreendiam os elementos aptos a se baterem tanto embarcados como a pé; eram, ao lado dos Esqd a cavalo, tornados "demodés", os Esqd de dragões transportados e os Esqd motociclistas.

Êstes diversos elementos transportados eram, a justo título, considerados como indispensáveis em 1939, não somente para acompanhar no combate os engenhos Bld-auto-Mtr ou CC — mas ainda prolongar suas ações nas zonas que lhes eram inacessíveis. Nas novas

Unidades, pelo contrário, os engenhos Bld de combate estão sôzinhos. Há alguns Jipes, pouco numerosos, nos Esqd Rec e TD, mas nas Unidades de CC Me não há nenhum elemento transportado.

Os combatentes transportados necessários, eram organizados em Btl fornecidos pela Inf de acôrdo com a fórmula Americana. O pessoal da antiga cavalaria era numèricamente insuficiente para constituir estas Unidades, além das Unidades de carros.

Faltava pois realizar nos Gpt Bld, o "casamento" CC-Inf obrigados a misturarem intimamente, durante o combate, as Unidades de Armas diferentes com tôdas as dificuldades que isso apresenta. Portanto, a união das armas permitiu às DB, sobrepujarem essas dificuldades e cumprirem, em 1944-45, com o sucesso conhecido, as missões da Cavalaria.

Mas êste sucesso era devido à qualidade excepcional das Unidades, ao treinamento muito duro do Exército da África em 1943-44, e também ao espírito cavaleiro que souberam inculcar aos combatentes de tôdas as origens de suas Div, os Leclerc, os Du Vigier e os Vernejoul. Quem pode dizer que estas condições excepcionais se repetirão amanhã?

A organização que conduziu à vitória de 1945, tão ilógica, foi e é ainda mantida; o vencedor é, por essência, um satisfeito.

Desta época data o equívoco no qual vive o Exército ainda hoje. É a arma que serve aos engenhos blindados de combate (CC, TBP e Auto-Mtr) ou é a arma que continua a cumprir as missões tradicionais da Cavalaria: informar, cobrir, combater em ligação com as outras armas e em seu proveito?

No primeiro caso, sua sorte está ligada à do carro. Nascida com êle, com êle morrerá: Não é a arma de uma missão, é a arma do material. Pode-se abandonar o termo Cavalaria; mas o de arma blindada não é lógico porque existe Inf e Art Bld. É preciso então falar em "a arma dos Carros".

Se, ao contrário, é ao segundo quesito que se responde afirmativamente, é preciso então conservar a arma da velocidade, dando-lhe a organização correspondente às suas missões, o que obriga a constituir Unidades realizando uma dosagem conveniente de engenhos blindados de combate e de elementos transportados. Ora, o que tem sido feito? Tem-se respondido sim às duas questões; deixou-se à arma tôdas as missões previstas nos regulamentos aparecidos depois da Guerra, mas não se a organizam para cumpri-las. Isso teve consequências nefastas que não aparecem, senão lentamente, aos espíritos avisados, e que alguns parecem não ter ainda observado.

Na Indochina, a Cavalaria tornada arma Bld compreendia somente engenhos blindados (CCL e Mtr) com suas equipagens. Êste TO é extremamente desfavorável aos engenhos Blindados, que eram pouco numerosos em virtude de suas servidões logísticas (problema

de transporte e de Manutenção). As missões tradicionais da arma não eram menos indispensáveis a cumprir.

Sem dúvida a missão de informação era muito difícil para a média de Unidades normais. A fluidez do adversário e sua absorção pelo meio, tornavam vã toda a esperança de obter informes suficientes por Dst terrestres.

Por outro lado, as missões de cobertura, especialmente sob a forma de escudo, em particular de contra-ataque e de perseguição, eram necessárias e perfeitamente realizáveis na maioria dos casos. Infelizmente a organização das Unidades tornava a arma INCAPAZ de cumprir suas missões. Com efeito, quanto mais difícil o terreno, maior a proporção de elementos transportados. Foram precisos vários anos para que fossem criados Gpt anfíbios (3 Esqd Transportados sobre LVT, 2 esquadrões sobre chatas), e Sub-Gpt Bld (1 Esqd CCL, 2 depois 4 Esqd Transportados).

Entretanto, no fim da Campanha, numerosos Esqd de CC sem elementos transportados, permaneciam dispersos em toda a Indochina. Poderiam desempenhar o importante papel de acompanhamento da Inf, mas eram incapazes de cumprir sozinho qualquer missão; toda a manobra rápida, portanto toda a manobra de cavalaria lhes era interdita.

Nas Unidades estacionadas na FRANÇA, na ALEMANHA ou na ÁFRICA do NORTE, as conseqüências da má organização se fizeram igualmente sentir.

A vida de Guarnição conduz fatalmente a uma separação, cada vez mais completa, dos Rgt de CC e dos BI com os quais devem normalmente atuar. A insuficiência dos meios de instrução (Combustível limitado, terrenos de manobra muito reduzidos) o explica. Quando raramente infantes e cavaleiros se encontram para manobrar, constata-se inevitavelmente um ritmo lento, incompatível com as missões da arma, que exigem sempre velocidade tanto no conceito como na execução.

Em algumas Unidades, a vontade de colaborar entre si conduz a uma espécie de malthusianismo. Os Cavaleiros em seus carros contam com a Inf para lhes abrir a rota e assegurar sua própria segurança. É o mundo às avessas: O cavaleiro pedindo ao infante para cobri-lo e informá-lo.

Paga-se assim, simplesmente, as conseqüências da organização que torna a arma blindada incapaz de cumprir, sem auxílio constante da Inf, as missões de Cavalaria da qual ela reivindica a sucessão.

O mais grave ainda era que em seus Carros mais e mais pesados, os membros da arma blindada perdiam, vagorosamente e sem perceber, o "espírito Cavaleiro", feito de iniciativa, de audácia e com senso de honra que leva a aceitar naturalmente o sacrifício em proveito das outras armas.

Ora, a evolução previsível das formas de guerra, exige que a Inf se integre do espírito do cavalariano, e é particularmente lamentável que a arma que deve cultivá-lo esteja a ponto de perdê-lo.

A transformação da cavalaria em Arma Bld, com a restrição que comporta este termo, excluindo praticamente as Unidades transportadas, mostrou-se inadequada, tornou a arma inadapta da à guerra na Indochina, e contribuiu grandemente para tirar a violência e dinamismo das Unidades estacionadas na Europa, e a tornou menos apta a cumprir suas missões. Os acontecimentos da África do Norte trouxeram uma confirmação suplementar.

Quando iniciou-se a campanha da Argélia, a arma Bld da África do Norte tinha uma organização baseada na da Europa; era assim totalmente inadapta da tanto à guerra quanto a seus engenhos blindados muito pesados e lentos, e sobretudo quanto à estrutura de suas Unidades, quase privadas de elementos transportados.

Rapidamente evidenciou-se que se o engenho Bld era indisponível, o mesmo acontecia com o Cavaleiro transportado, quer fôsse em veículo meia lagarta, sôbre Caminhão, Jipe ou mesmo a Cavallo. Este último reencontrava todo o valor nas regiões difíceis, e contra um inimigo pobre em armas automáticas.

É preciso então improvisar Unidades de um nôvo tipo ou com mais propriedade, de um tipo muito antigo, pois as mesmas existiam na Cavalaria há vinte anos... Foram restabelecidos o esquadrão misto Auto-Mtr-Motorizado, correspondente exatamente aos Esqd Rec e de Descoberta de antes de 1939, e esquadrões montados do tipo "Spahis", à cavallo. Pouco a pouco, uma organização respondendo às missões e pela força dos acontecimentos, foi novamente posta em ação.

A guerra Nuclear, como a guerra Convencional, não diminui em nada, bem pelo contrário, as necessidades de fôrças terrestres em "arma rápida". As missões que exigem velocidade são mais impetuosas do que nunca. Também as Unidades experimentais, adaptadas à era atômica, procuram obter maior mobilidade.

A DMR (Div Mec Rec) em particular, representa um ensaio de GU destinada a cumprir missões de cavalaria ligeira (descoberta, cobertura, exploração), ganha em mobilidade, não só pelo aligeiramento de seus meios, mas pela organização. O RIA (Rgt Inter Armas) seu principal instrumento, é a réplica moderna dos Rgt Cav Mec anteriores a 1939; compreende, ao lado dos carros AM X, elementos transportados sôbre Jipes e Veículos QT.

Mas estes meios terrestres são insuficientes porque estão ainda muito ligados ao terreno. A necessidade de informações precisas, contínuas, rapidamente transmitidas, exige a penetração no dispositivo inimigo.

Só a utilização da terceira dimensão pode dar à arma rápida, a solução dos problemas que se apresentam a ela para cumprir suas missões no futuro: isso obriga-a a adotar meios novos, que são os helicópteros hoje amanhã sem dúvida o "Coleóptero" ou qualquer outro engenho que a ciência inventará. Estes meios, necessários talvez às outras armas, são indispensáveis à Cavalaria moderna, e têm seu lugar ao lado de engenhos blindados (CC, Auto Mtr, Engenhos Bld de Rec), Jipes, caminhões, TBP e mesmo Cavalos.

Parece então que o futuro da arma rápida deve menos do que nunca ser ligado ao do material, seja este essencial como é atualmente o carro.

Se a arma não é ligada ao material, tornou-se então possível lhe poupar as mudanças contínuas de denominação, que são o signo anterior de desordem reinantes nos espíritos. Isso conduziu a confusões, fontes de rancores, de incompreensão recíproca, e finalmente choques.

O soldado francês, da 2ª classe ao general, deve, para combater bem, compreender e gostar.

Tem necessidade de compreender a missão particular que é a sua própria, que se distingue da dos companheiros, que é enfim para si tão essencial que chega a considerar como a principal.

Necessita gostar... e este amor que não pode ser senão o da Pátria, o concretiza no amor à sua Unidade, seu regimento, sua arma, que, à seus olhos, possui tôdas as virtudes e não poderia se confundir com as outras.

É preciso que a cavalaria tenha grande força moral, para resistir, como tem feito até hoje, a esta mudança periódica de etiqueta. A arma rápida tem um nome que, durante séculos, foi ligado ao conceito de mobilidade.

A idade de suas tradições, sua aptidão a se adaptar sem dificuldade às condições mais modernas de combate, fazem com que seja inoportuno à hora atual, dar-lhe como característica essencial a blindagem, forma moderna, mas em parte já ultrapassada, da couraça.

O termo "Arma Bld" parece mal adaptado às missões da arma rápida, porque conduz em si, o germe de uma organização inadequada, e arrisca a embaralhar os espíritos não avisados, fazendo-os identificar a arma com um material, orientando mal as soluções do futuro impostas pela guerra nuclear, e a guerra na superfície, pois rompe com uma tradição, fonte das mais nobres virtudes militares, mais indispensáveis do que nunca.

Porque recusar a esta arma, a honra de conservar seu nome como suas irmãs — Inf, Art, Eng — têm feito, a despeito das evoluções profundas que conhecem também. Por que não deixar simplesmente o termo Cavalaria?